

Boletim PIB do Agronegócio Minas Gerais

Cepea – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada

2019

BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; MACHADO, G.C.; ALMEIDA, F.M.S; SILVA, A.F.; FACHINELLO, A.L.;
Boletim PIB do Agronegócio Minas Gerais - 2019. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), 2020.

Coordenação Geral: Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D, Pesquisador
Chefe/Coordenador Científico do Cepea/ Esalq/USP.

Equipe técnica: Dra. Nicole Rennó Castro, Msc. Gabriel Costeira Machado, Msc. Felipe Miranda de Souza Almeida, Dra. Adriana Ferreira Silva e Dr. Arlei Luiz Fachinello.

BOLETIM PIB DO AGRONEGÓCIO DE MINAS GERAIS – NOTAS METODOLÓGICAS

O **Boletim PIB do Agronegócio de Minas Gerais** é uma publicação elaborada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) que aborda aspectos da conjuntura e da estrutura do agronegócio do Estado de Minas Gerais, oferecendo um panorama a respeito do desempenho do setor no Estado. Em suas edições, são apresentadas as mais recentes perspectivas e análises a respeito do PIB do agronegócio do Estado.

O agronegócio, setor foco deste boletim, é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica, ou primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços. A análise desse conjunto de segmentos é feita também para o ramo agrícola e para o pecuário.

Pelo critério metodológico do Cepea, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado total deste setor na economia, a preços de mercado. O PIB do agronegócio refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo a todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final.

É importante destacar que o PIB do agronegócio de Minas Gerais é medido pela ótica da renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e também de preços reais (deflacionados pelo IGP-DI).

Ressalta-se também que cada relatório considera os dados disponíveis – preços e produções observadas e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, é possível, portanto, que os resultados sejam alterados.

SUMÁRIO EXECUTIVO

- O PIB do agronegócio de Minas Gerais cresceu 5,12% em 2019, e o setor representou 36% do PIB estadual.
- O principal impulso ao setor veio do ramo pecuário. No estado, assim como no País, as cadeias pecuárias foram favorecidas pela maior demanda externa por carnes em decorrência da Peste Suína Africana (PSA) na Ásia – aproveitando o cenário favorável, produtores mineiros reagiram a expandiram a produção.
- O resultado do ramo pecuário só não foi maior devido ao fraco desempenho da cadeia do leite – que tem peso elevado no PIB do agronegócio do estado.
- O ramo agrícola do agronegócio mineiro também cresceu, mas, dentro da porteira, o PIB da agricultura recuou, pressionado pela cultura do café.
- Em 2019, a produção de café caiu e os preços foram menores.

PIB DO AGRONEGÓCIO DE MINAS GERAIS CRESCEU 5,12% EM 2019

O Produto Interno Bruto (PIB) do Agronegócio de Minas Gerais, calculado pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, cresceu 5,12% em 2019, frente a 2018 (Tabela 1). Assim como observado no agronegócio brasileiro, o setor em Minas Gerais também foi impulsionado principalmente pelo ramo pecuário, cujo PIB avançou 8,51% no período. O PIB do ramo agrícola também avançou, mas em menor intensidade: 2,07%.

Tabela 1 – Taxas de crescimento 2019/2018 (%)

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio
Agropecuária	5,78	6,21	3,68	4,87	5,12
Ramo Agrícola	9,52	-2,33	3,56	2,10	2,07
Ramo Pecuário	2,68	10,24	4,25	8,14	8,51

Fonte: Cepea

No ramo pecuário, em consonância com o agronegócio nacional, houve crescimento importante no PIB de todos os segmentos. Especificamente, o segmento de insumos teve alta de 2,68%, o primário, de expressivos 10,24% e a agroindústria, de 4,25%. E, refletindo o bom desempenho dos segmentos a montante, os grossos serviços do ramo pecuário avançaram 8,14% (Tabela 1).

No caso das cadeias pecuárias, em geral, o excelente resultado atrelou-se ao bom desempenho das exportações de carnes, já que a demanda interna ficou enfraquecida em grande parte do ano no País. A ocorrência do surto de Peste Suína Africana (PSA) nos países asiáticos causou forte aumento na demanda mundial por carnes, com destaque para o papel da China, e os preços internacionais das proteínas animais subiram

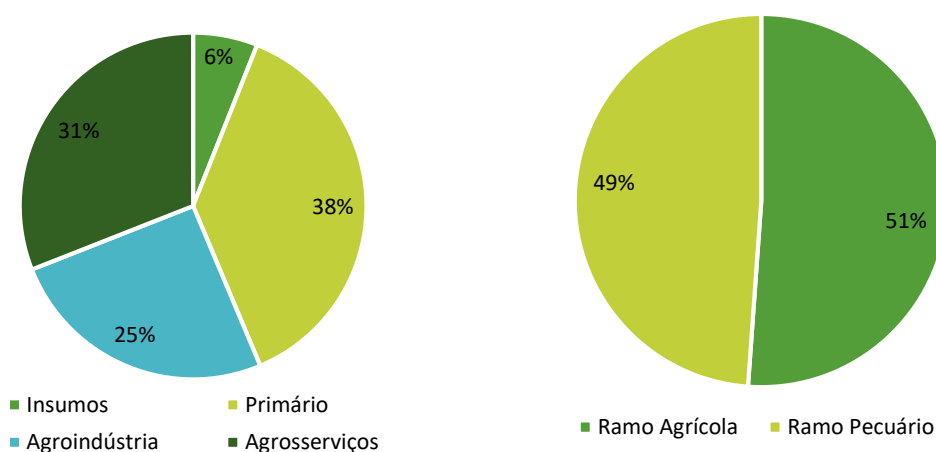
expressivamente, o que se refletiu nos preços domésticos. O setor pecuário, tanto em Minas Gerais quanto no Brasil como um todo, reagiu ao cenário favorável e expandiu a produção dentro da porteira e na agroindústria.

Quanto ao ramo agrícola, o resultado positivo do PIB refletiu os bons desempenhos dos segmentos de insumos, agroindustrial e de agrosserviços, enquanto o segmento primário recuou. Em 2019, o PIB da agricultura (ou segmento primário) mineira foi pressionado sobretudo pelos resultados para a cultura do café. O produto, que é o de maior importância no valor da produção agrícola do estado (peso de 40% em 2018), teve recuo na produção no ano, em decorrência da bialidade negativa, e registrou preços menores.

De modo geral, o bom resultado do agronegócio de Minas Gerais refletiu principalmente a expansão da produção do setor em 2019, sendo o segmento primário agrícola a única exceção (influenciada pela produção cafeeira). Além da expansão da produção, o setor, em especial o ramo pecuário, também foi favorecido por preços reais maiores em 2019, na comparação com 2018.

Frente a esse resultado, a Figura 1 mostra a distribuição do PIB do agronegócio do estado entre seus segmentos e ramos. Mantendo o perfil dos anos anteriores, o segmento primário se manteve com a maior representatividade no PIB, de 38%. Na sequência, estiveram os agrosserviços (31%), a agroindústria (25%) e, então, os insumos (6%). Quanto à distribuição do PIB entre os ramos, com o excelente desempenho da pecuária em 2019, sua participação aumentou, ficando em 49% (frente aos 47% de representatividade em 2018); os 51% restantes são atribuídos ao ramo agrícola.

Figura 1 – Composição do PIB do Agronegócio de Minas Gerais em 2019



Fonte: Cepea.

Considerando-se os desempenhos comparados do PIB do agronegócio e do PIB da economia mineira como um todo, em 2019 o setor aumentou sua participação no total. Especificamente, o agronegócio representou 36% do PIB de Minas Gerais.

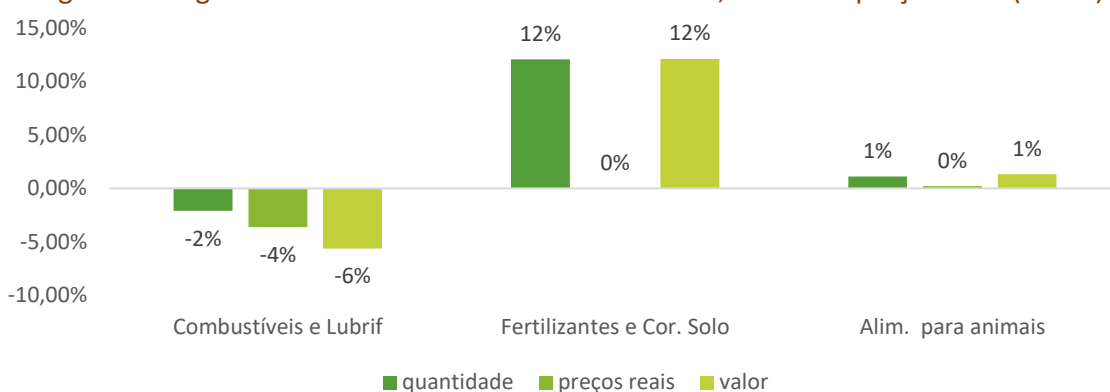
As próximas seções detalham os resultados de cada segmento do agronegócio do estado.

Resultados por Segmentos:

INSUMOS

O segmento de insumos do agronegócio apresentou alta de 5,78% no período de análise (Tabela 1), como resultado dos crescimentos observados tanto no ramo agrícola (+9,52%) quanto no ramo pecuário (+2,68%). Pela ótica setorial, o segmento foi impulsionado principalmente pelo avanço do faturamento de fertilizantes e corretivos de solo, de 12%, via aumento da produção (12%), uma vez que os preços se mantiveram estáveis (+0,03%).

Figura 2 – Segmento de insumos: crescimento do valor, volume e preços reais (% a.a.)



Fonte: Cepea.

PRIMÁRIO

AGRÍCOLA: O segmento primário agrícola teve retração de 2,33% em 2019 (Tabela 1). Diferentemente do observado para esse segmento em nível nacional, no estado mineiro, o resultado foi pressionado para baixo pela menor produção das culturas. Na média ponderada das atividades acompanhadas, o volume produzido pela agricultura em 2019 caiu 4,88%. Já para preços, a variação positiva média real na comparação entre 2019 e 2018 foi de 1,78%. A Tabela 2 apresenta os crescimentos do valor do faturamento, dos volumes e dos preços para cada cultura acompanhada.

A cultura do café, principal cultura do estado em termos de participação no valor bruto da produção agrícola, apresentou redução tanto em volume produzido (-21%) quanto em preço (-8%), resultando em queda do seu faturamento (-27%) – o que influenciou o desempenho geral do segmento. A Conab destaca que a menor produção refletiu as diminuições da área produzida e do rendimento médio da cultura. A redução da área esteve atrelada ao ciclo de bienalidade negativa da cultura, quando os produtores aproveitam para realizar os tratos culturais nas lavouras (renovação, podas e substituição). No que tange à produtividade, a redução também se deveu à influência do ciclo bienal sobre todas as regiões produtoras do café arábica no estado, além da

incidência de altas temperaturas e escassez de chuvas em período importante do ciclo da cultura entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019.

Quanto aos preços do café, de acordo com analistas do Cepea, estiveram historicamente baixos, reflexo do excesso de oferta no mercado mundial e dos estoques de café remanescentes da safra 2018/2019 brasileira. A equipe também destacou que as reduções só não foram maiores na comparação com 2018 devido às altas cotações nos últimos meses de 2019, que, por sua vez, subiram influenciadas pela menor oferta nacional de cafés finos, por preocupações quanto à safra 2019/2020 no Brasil, pela maior demanda e pela desvalorização do Real frente ao dólar.

Tabela 2 – Segmento primário agrícola: crescimento do valor, volume e preços reais (% a.a.)

	Quantidade	Preços Reais	Valor
Café	-21%	-8%	-27%
Milho	13%	-1%	12%
Soja	-5%	-6%	-10%
Cana-de-açúcar	8%	1%	9%
Feijão	9%	73%	88%
Batata - inglesa	4%	93%	101%
Mandioca	10%	-29%	-22%
Tomate	-2%	22%	20%
Laranja	4%	-3%	2%
Banana	7%	31%	40%
Algodão herbáceo	82%	-19%	48%
Arroz	-15%	3%	-12%
Trigo	1%	-3%	-3%
Sorgo	0%	-1%	-1%
Amendoim	-48%	24%	-36%

Fonte: Cepea.

Para a cultura da soja, a queda de 10% no faturamento anual também foi reflexo da produção 5% inferior no estado e dos menores preços reais, que caíram 6%. Para a Conab, a redução da produção foi resultado da menor produtividade da cultura, uma vez que se observou incremento da área plantada com a oleaginosa. Como destacado pela Companhia, a produtividade foi limitada pelo clima desfavorável. Com relação aos preços, esses ficaram baixos, sobretudo no primeiro semestre de 2019, passando por intensa recuperação a partir de agosto (embora não suficiente para gerar aumento real na comparação entre 2019 e 2018). Segundo analistas do Cepea, as valorizações decorreram de: (i) incertezas quanto à guerra comercial entre Estados Unidos e China; (ii) condições climáticas adversas que afetaram o cinturão agrícola norte-americana; (iii) desvalorização do Real frente ao dólar; (iv) clima desfavorável ao semeio no Brasil; e (v) baixo excedente da soja brasileira. No primeiro semestre, alguns fatores que pressionaram as cotações no País foram as colheitas das safras brasileira e argentina, impulsionando a oferta internacional, e a forte queda dos contratos futuros nos Estados Unidos.

Na cultura do milho, o incremento no faturamento anual (+12%) resultou da maior quantidade produzida (+13%), uma vez que se observou leve queda dos preços reais (-1%) na comparação com 2018. De acordo com a Conab, a maior produção refletiu os incrementos na produtividade e na área destinada à cultura no estado, especialmente da segunda safra. A produtividade foi influenciada pelas melhores condições climáticas. Com relação à primeira safra, observou-se decréscimo na produção devido à menor produtividade e área, visto que os produtores optaram por semear a soja. De acordo com analistas do Cepea, em um contexto nacional, as cotações do milho oscilaram no decorrer de 2019. No primeiro bimestre, os menores estoques e a redução na área destinada ao milho primeira safra impulsionaram as cotações. Já entre março e maio, os preços foram pressionados por condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura, pela consequente perspectiva de maior produção na segunda safra e pela maior disponibilidade do cereal, devido à colheita da primeira safra. No segundo semestre, a desvalorização do Real frente ao dólar, as demandas interna e externa mais aquecidas, o clima desfavorável em algumas regiões (dificultando o semeio da safra verão 2019/2020) e a resistência, em alguns meses, de vendedores em negociar grandes lotes no mercado elevaram novamente as cotações.

Para o caso da cana-de-açúcar, o aumento do faturamento (+9%) foi resultado tanto do incremento da produção (+8%) quanto de maiores preços reais (+1%). Segundo a Conab, a maior produção foi reflexo do ganho produtivo, uma vez que se observou redução na área destinada à cultura – influenciada pelo menor número de fornecedores, que optaram por migrar para os cultivos de soja e milho, produtos com boa rentabilidade. Com relação à produtividade, o ganho foi explicado pelas boas condições climáticas no primeiro semestre (boa distribuição das chuvas), pela renovação gradual das lavouras, pela utilização de novas variedades e pela melhoria no manejo da cultura.

PECUÁRIO: O segmento primário pecuário cresceu 10,24% em 2019 frente a 2018 (Tabela 1). Para esse segmento, houve relevante aumento tanto em preços quanto em volume produzido. Considerando-se a média ponderada das atividades acompanhadas, os preços aumentaram 5,38% e a produção, 4,59%. A Tabela 3 apresenta os avanços do valor do faturamento, dos volumes e dos preços para cada atividade acompanhada.

Tabela 3 – Segmento primário pecuária: crescimento do valor, volume e preços reais (% a.a.)

	Bois	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	11%	-7%	2%	3%	9%	5%
Preços Reais	5%	5%	12%	0%	5%	26%
Valor	17%	-2%	14%	3%	15%	32%

Fonte: Cepea.

Em 2019, o agronegócio brasileiro foi impulsionado pelo choque de demanda externa, resultante da PSA que assolou países asiáticos. Conforme supramencionado, o segmento primário da pecuária recebeu destaque no PIB do agronegócio mineiro, em que se observou crescimento importante no faturamento de suínos (+32%), bois (+17%),

frango (+14%) e, também, de ovos (15%). Embora o aumento das exportações brasileiras de carnes tenha sido marcante apenas para as carnes bovina e suína, com a alta generalizada dos preços de proteínas, a demanda interna acabou se direcionando às opções mais baratas, como a carne de frango e os ovos.

AGROINDÚSTRIA

AGRÍCOLA: O PIB da agroindústria de base agrícola de Minas Gerais teve alta de 3,56% em 2019, mesmo diante de uma queda de preços dos produtos agroindustriais (-3,22% na média das indústrias acompanhadas). O PIB foi impulsionado pela expansão da produção, de 6,93% para a média das indústrias acompanhadas.

Em termos setoriais, a Tabela 4 mostra as variações do valor do faturamento, da quantidade produzida e dos preços reais, na comparação entre 2019 e 2018. Especificamente, nota-se que o segmento foi impulsionado pela indústria sucroalcooleira.

Tabela 4 – Segmento agroindustrial de base agrícola: crescimento do valor, volume e preços reais (% a.a.)

	Quantidade	Preços Reais	Valor
Celulose	3%	-12%	-9%
Etanol Anidro	30%	-2%	28%
Etanol Hidratado	5%	-1%	4%
Têxtil	6%	-2%	4%
Café	2%	-14%	-13%
Fumo	1%	-3%	-2%
Açúcar	5%	6%	11%
Óleo de soja refinado	-19%	1%	-18%
Bebidas	7%	-3%	3%

Fonte: Cepea.

As condições climáticas favoráveis para a cultura de cana-de-açúcar proporcionaram aumento da produtividade e, com isso, elevações do Açúcar Total Recuperável (ATR) e da produção das atividades agroindustriais correlatas – nos setores açucareiro e alcooleiro (etanóis anidro e hidratado).

Conforme relatório da Conab, o cenário do mercado favoreceu a atribuição do ATR à produção de etanóis em detrimento do açúcar. Como mostrou a Tabela 4, em 2019, comparativamente a 2018, o faturamento anual da indústria de etanol anidro (que é adicionado à gasolina) cresceu 28%, como resultado do aumento da produção anual de 30%, haja vista a redução de 2% nos preços. Já a produção de etanol hidratado, que é comercializado nos postos de combustíveis, atingiu o maior volume de produção desde o início da série, em 2001, e aumentou 5% em relação a 2018, encerrando o ano com avanço de 4% no faturamento da atividade e recuo de 1% nos preços.

Mesmo com o foco nos etanóis, conforme mencionado, a produção de açúcar também cresceu em 2019, uma vez que se registrou aumento de produtividade da cultura de cana-de-açúcar. Em 2019, a produção de açúcar aumentou 5%, leve recuperação, após a queda observada em 2018 por conta da safra recorde em 2017. Os preços, por sua vez, subiram 6%, o que não foi suficiente para compensar os recuos

abruptos que ocorrem nos últimos dois anos, fazendo com que a destinação da cana-de-açúcar para a produção de etanol ainda fosse mais atrativa.

PECUÁRIA: A agroindústria de base pecuária cresceu 4,25% (Tabela 1), impulsionada principalmente pela maior produção média das indústrias acompanhadas (+3,53%), tendo em vista a evolução positiva modesta dos preços médios (+0,63%). A Tabela 5 mostra as variações do valor do faturamento, da quantidade produzida e dos preços reais, na comparação entre 2019 e 2018.

Da análise da Tabela, verifica-se que o desempenho do segmento não foi melhor, devido ao recuo na indústria de laticínios – que tem peso expressivo superior a 60% no valor da produção do segmento –, tendo sido impulsionado pelas cadeias de carnes.

Tabela 5 – Segmento agroindustrial de base pecuária: crescimento do valor, volume e preços reais (% a.a.)

	Carne de boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Laticínios
Quantidade	11,2%	-7,1%	5,4%	2,2%	3,0%
Preços Reais	7,7%	7,7%	23,8%	5,3%	-4,8%
Valor	19,7%	0,1%	30,4%	7,7%	-1,9%

Fonte: Cepea. *dados de janeiro a junho de 2019

A agroindústria de abate foi fortemente beneficiada pela dinâmica de comércio desencadeada pela PSA, como já mencionado, a qual proporcionou crescimento do faturamento em 2019 para as atividades de carnes suína (+30,4%), bovina (+19,7%) e avícola (+7,7%). O aumento da demanda dos países asiáticos impulsionou os preços, em especial da carne suína – principal proteína animal consumida na China. Diante do choque de demanda, os frigoríficos intensificaram suas atividades como possível, buscando atender à demanda externa e manter a demanda doméstica, que acabou sendo limitada pela alta dos preços em 2019.

O setor de laticínios, que se configura como importante atividade do segmento agroindustrial mineiro, além de se caracterizar como formador de preço do leite no Brasil, fechou o ano com desempenho negativo. O faturamento da indústria caiu 1,9% em relação a 2018, pressionado pela queda de 4,8% dos preços, que foi contrabalanceada pelo aumento de 3,0% da produção. A dinâmica observada no setor de lácteos esteve associada à redução da oferta de leite, o que impulsionou os preços recebidos pelo produtor e acirrou a competição entre as indústrias de laticínios, as quais reduziram as suas margens de lucro, ao invés de repassarem os preços ao consumidor, na tentativa de assegurar sua parcela de mercado.